



GLAMAZON, SISSY THAT WALK: performances de *Drag Queen* dicionarizadas

Fabiana Poças Biondo¹ & Bruno Cuter Albanese²

“GENTLEMAN, START YOUR ENGINES, AND MAY THE BEST WOMAN WIN”: introdução

“Glamazon” é o nome de uma das músicas da cantora, apresentadora e atriz RuPaul, uma das *drag queens* mais famosas e bem sucedidas dos Estados Unidos. Segundo a própria *entertainer*, a música é uma homenagem a todas as *drag queens* que fazem e fizeram parte do seu atual projeto mais bem sucedido, o *reality show RuPaul’s Drag Race*.

O programa consiste em uma série de desafios em que um grupo de *drag queens* de diferentes idades e localidades competem para serem coroadas como a próxima *drag superstar* americana³. A cada semana, os expectadores assistem as participantes realizarem um desafio diferente, que faz parte de um espetáculo de *drag queens*: atuar, dublar, cantar, dançar, apresentar, imitar e fazer *stand up*. Ao final do episódio, uma *drag* é eleita a vencedora do desafio e outra é eliminada da competição.

A primeira temporada do programa, televisionado pela LogoTv nos Estados Unidos e visto pela plataforma Netflix em diversos outros países (incluindo o Brasil), estreou em fevereiro de 2009. De forma modesta, esta temporada contava

¹ Fabiana Poças Biondo é professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

² Bruno Cuter Albanese é doutorando do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

³ Uma referência a outro *reality show* de muito sucesso, American Next Top Model, em que jovens modelos competem pelo título de próxima super modelo americana.

apenas com 9 competidoras e com um prêmio de 20 mil dólares, mas, a partir do grande sucesso de público, o programa teve sua estrutura melhorada e sua continuação garantida com mais oito temporadas.⁴ O último episódio da oitava temporada foi ao ar no início de maio de 2016, com a vencedora derrotando outras 11 competidoras e ganhando um prêmio de 100 mil dólares.

É inegável o sucesso que o programa vem conseguindo alcançar: é a atração mais assistida do canal LogoTV desde sua primeira temporada; suas participantes fazem turnês mundiais, inclusive pelo Brasil. Para o psicólogo Mauro Reis Albuquerque⁵, esse sucesso se deve ao fato de o programa trazer uma nova visão sobre as *drag queens*, quebrando preconceitos que foram construídos sobre elas ao mostrar suas histórias de vida, ricas em episódios emocionantes de superação, ao mesmo tempo em que nos diverte, por ser uma competição que desperta os lados bons e ruins de todas as participantes.

Essas parecem ser, de fato, questões fundamentais para o sucesso do *show*, mas é preciso também destacar o fascínio que ele exerce ao permitir adentrar a(s) cultura(s) das *drag queens*: uma cultura que se desenvolve na

explícita manifestação da multiplicidade de aspectos que envolvem a identidade humana. Sua relação entre os gêneros se dá de forma ambígua, uma vez que é expressa em suas performances e em seu cotidiano, numa relação dinâmica e constante entre masculino e feminino (CHIDIAC e OLTRAMARI, 2004, p. 475).

No momento do *show* em que vemos os participantes começarem a se maquiar, arrumar suas perucas, vestir os vestidos e se tornarem *as* participantes, não estamos só presenciando uma competição, mas também uma transgressão das formulações hegemônicas sobre gênero (LOURO, 2004), materializada na perspectiva fronteiriça entre o masculino e o feminino.⁶

⁴ Seis temporadas convencionais e uma especial, chamada *All Stars*, com participantes de destaque das quatro primeiras.

⁵ Em entrevista para O POVO online. Disponível em <http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2015/03/02/noticiasjornalvidaearte,3400167/rupaul-s-drag-race-fenomeno-de-audiencia-inicia-setima-temporada.shtml>. Acesso em: 02 jul 2015.

⁶ Por viverem nessa fronteira, a comunidade *drag* é muitas vezes confundida com a dos travestis. Estes, porém, em geral vivenciam o lado feminino como forma de vida, transformando seus corpos permanentemente, enquanto aquelas se transvestem de mulher para o fim específico da atuação em *shows*, voltando a andar como homens ao final deles (CHIDIAC e OLTRAMARI, 2004).

A origem da palavra *drag* sustenta essa perspectiva. *Drag* é uma sigla para “dressed resembling a girl”, ou seja, vestir-se como uma garota. A sigla surgiu em tempos shakespearianos, quando mulheres não podiam atuar no teatro e os papéis femininos eram feitos por homens, portanto, o conceito de *drag* está ligado à ideia de dar vida a uma personagem. Chidiac e Oltramari (2004) observam isso em seus estudos e percebem claramente como existem ao menos duas identidades em jogo: a do homem que é *drag queen* e a da personagem que esse ator dá vida como mulher.

Na construção da identidade *drag*, uma das formas de expressão que exerce um papel crucial é o *vocabulário*. Como lembraram Chidiac e Oltramari (2004, p.472), as *drags* “mantém um vocabulário próprio, constituído de regras performativas”, que é fundamental no processo de transformação e da convivência entre masculino e feminino. No *reality* de RuPaul, o vocabulário tornou-se marca tão expressiva das participantes e ganhou tanto destaque que os fãs do programa passaram a reproduzi-lo, fazendo com que a equipe do programa reunisse esse vocabulário em um dicionário: o *Drag Race Dicionário de RuPaul*.⁷ Este contém os vocábulos usados pelas participantes do *reality* e revela a tentativa delas se (re)significarem por meio da linguagem, à medida que (re)significam formas linguísticas, rompendo com estruturas morfológicas fixadas e com ideologias de gênero e sexualidade herdadas da modernidade.

A partir do campo aplicado dos estudos da língua(gem) e com base especialmente nos conceitos de *performance*, *descontextualização/recontextualização* (BAUMAN e BRIGGS, 1990) e *ideologia linguística* (WOOLARD, 1998), este trabalho procura mostrar que, ao mesmo tempo em que a criação desses vocábulos expressa a criatividade e a identidade do grupo *Drag* e dos fãs do *Ru Paul's*, ela responde a uma necessidade de estabelecer, por meio da língua, um grupo identitário altamente normatizado, na contramão do movimento de libertação de estruturas linguísticas e sociais totalizantes.

⁷ Disponível em: http://logosrupaulsdragrace.wikia.com/wiki/RuPaul's_Drag_Race_Dictionary. Acesso em: 02 de jul 2015.

METODOLOGIA de investigação

Como parte da interface crítica da Linguística aplicada, destaca-se o dever de dar voz aos excluídos da modernidade, por meio da investigação de performances situadas de uso da linguagem e de suas conotações ideológicas (MOITA LOPES, 2006). As *drag queens* costumam sofrer menos preconceito que os transexuais e travestis, conforme Chidiac e Oltramari (2004), pois de certo modo estão inseridas na sociedade, por serem contratadas para entreter festas e terem sua profissão “aceita”, diferentemente das travestis que costumam ser associadas a prostitutas. De todo modo, como um dos grupos que rompem com as ideologias hegemônicas sobre gênero, as *queens* constituem-se como grupo minoritário, sofrendo diversos tipos de privação e violência, o que justifica o interesse de linguistas aplicados por estudar o papel da linguagem nesse grupo, contribuindo para sua visibilidade na pós-modernidade.

A focalização de performances situadas de uso da linguagem em contexto específico, por sua vez, justifica a abordagem de investigação interpretativista que nos orienta neste estudo, atenta à complexidade do real e à inter/transdisciplinaridade (SIGNORINI e CAVALCANTI, 1998). Tal abordagem se entrelaça, ainda, aos nossos objetivos de compreensão das relações performativas de gênero/sexualidade e de ideologia linguística não apenas manifestas no programa de RuPaul mas também *entextualizadas* no *Drag Race Dicionário de RuPaul*, que tomamos como principal objeto de investigação neste trabalho.

O dicionário é bastante extenso, contando com 118 vocábulos, com 118 entradas distintas. Além disso, observamos que muitos desses vocábulos apresentavam mais de um sentido, cada um deles correspondendo a uma expressão que havia sido encenada [*performed*] de diferentes formas pelas *drags* no programa de RuPaul. Assim sendo, as 118 entradas se transformaram em 160 unidades textuais (acepções), que formam o *corpus* desta pesquisa.

Dada a extensão desse *corpus*, as acepções foram primeiramente estudadas com base na técnica de análise de categorias, uma forma interativa de se trabalhar com os dados de um estudo, propiciando o surgimento de critérios de análise no tratamento das categorias, conforme Lankshear e Knobel (2008). O primeiro critério utilizado para a seleção de categorias foi o da exclusividade das acepções,

ou seja, verificamos se elas pertenciam exclusivamente ao universo cultural *drag*. Dessa primeira seleção, obtivemos 109 acepções exclusivas e 51 não exclusivas, sendo estas últimas excluídas de nossas análises, dado nosso interesse específico nas performances das *drags*.

O segundo critério utilizado para refinar as análises foi observar se as acepções exclusivas do mundo *queen* eram criadas no/para o programa ou existiam previamente a ele, sendo apenas trazidas pelas participantes para o *reality*. Essa observação nos levou a uma segunda divisão: entre as acepções que foram criadas no programa ou para/pelo programa (45 acepções) e aquelas que foram nele apenas mobilizadas, já tendo sido utilizadas anteriormente em outros contextos (61 acepções).

A fim de viabilizar uma análise mais contextualizada das expressões, propusemos uma nova divisão no interior desses dois últimos grupos. Quanto ao primeiro deles, as 45 acepções que foram inventadas no/para o programa, separamo-las entre aquelas que foram criadas por participantes durante o programa (23 acepções) e aquelas que eram inovações lexicais criadas pela produção do *show* para o programa (22 acepções). Quanto ao segundo grupo, das 61 unidades que foram reproduzidas de outros contextos para o programa, separamos as acepções em dois grupos temáticos: moda e beleza (29 acepções) e comportamento (32 acepções). Representamos essas categorias graficamente a seguir:

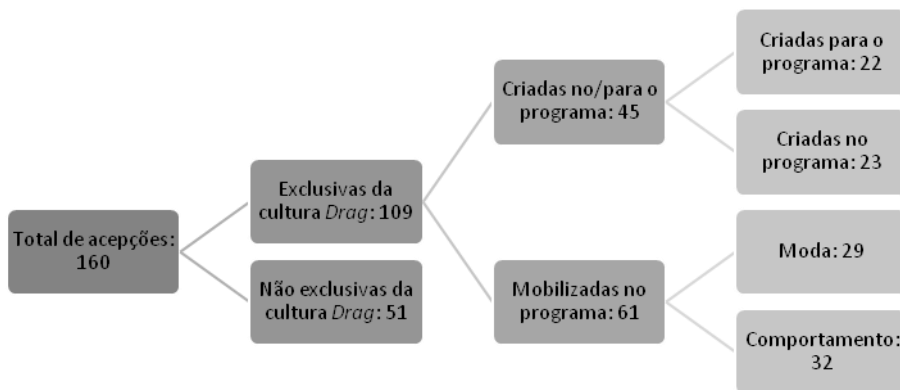


FIGURA 1: Organograma das categorias de análise.

Os exemplos trazidos para análise versam sobre as categorias específicas da quarta coluna da Figura 1 (na cor cinza clara); no entanto, antes de passarmos à discussão dos dados, apresentamos a caracterização do ato de dicionarizar como uma performance e as demais questões teóricas que embasam este estudo.

PERFORMANCE E IDEOLOGIA de Linguagem

Baseadas sobretudo nas ideias de Austin (1962), particularmente em sua teoria dos atos de fala, as teorias da *performance* passaram a ganhar destaque a partir dos anos 70/80, quando a ênfase nos estudos sobre língua(gem) deslocou-se da padronização formal e do contexto simbólico de textos para a “emergência da arte verbal na interação social entres atores”, conforme observaram Bauman e Briggs (1990, p. 187). Embora as fronteiras que delimitam o que se tem compreendido como teorias da performance sejam fluidas e provisórias, não sendo possível delimitar um único campo de estudos e de investigação, é inegável, para os autores, o papel que essa perspectiva ocupa na observação crítica do uso de recursos estilísticos heterogêneos, de conflitos ideológicos sustentados na linguagem e de significados sensíveis aos contextos a partir dos quais se estabelecem. Tais possibilidades abertas por teorias da performance justificam-se, portanto, na compreensão da linguagem como uma forma de ação no mundo, de envolvimento em performances e de construção social da realidade, conforme pontuaram os autores.

A compreensão do uso da linguagem como ação social implica, entre outras coisas, na valorização do significado indicial, em detrimento do referencial ou simbólico, em um olhar atento para as relações entre contexto micro e macro de processos comunicativos, aos usos dinâmicos e situados da língua. Abre-se espaço, portanto, à investigação de significados outros que não os já fixados pela tradição etnocêntrica ocidental, permitindo o questionamento dessa ordem hegemônica sobre língua(gem) e sociedade (BAUMAN e BRIGGS, 1990).

Um dos questionamentos mais profícuos da ordem hegemônica, e que nos interessa sobretudo neste trabalho, é o da norma de inteligibilidade do gênero (BUTLER, 2003) fixada pela cultura moderna. Conforme Butler (2003), tal norma consiste em uma relação bastante objetiva entre sexo, gênero e sexualidade, de tal forma que, se um sujeito nasce “mulher”, espera-se que ele tenha determinados comportamentos e traços “femininos” e que relacione-se com um “homem”, e

vice-versa. Buscando subverter essa norma, ao assumir uma visão *performativa* da identidade de gênero, a autora chama a atenção para a sua construção no interior das ações sociais às quais não preexistem. E, nesse sentido, a encenação do gênero em performances *drags* revela a possibilidade de subversão da matriz de gênero tradicionalmente fixada, como oportunidade crítica de

expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem do gênero (BUTLER, 2003, p. 39).

Conforme mencionamos acima, a perspectiva fronteira entre aspectos do masculino e do feminino que configura o mundo das *drag queens* salienta a possibilidade de transgredir limites entre um e outro elemento do binário homem/mulher e de se constituir um terceiro elemento – a *drag*. No caso do *reality* do RuPaul, essa transgressão se manifesta na incorporação de traços tidos como do feminino por sujeitos tidos como homens, mas também na subversão de estruturas linguísticas estabelecidas em um mundo que é, sobretudo, heteronormativo.

A subversão dessas estruturas foi realizada, nas nove temporadas do programa, por meio da criação e mobilização de diversos vocábulos específicos, que culminou na produção do *Drag Race Dicionário de Rupaul*, como mencionamos anteriormente. Trata-se, na verdade, de um material que (des) (re) contextualiza discursos já encenados [*performed*] no *reality show* de RuPaul, mas que, por performance, são entextualizados (BAUMAN e BRIGGS, 1990) na forma de um compêndio.

A *entextualização* foi definida por Bauman e Briggs (1990) como o processo de transformação do discurso em unidade textual, como uma produção linguística extraída de seu cenário interacional. Como toda performance supõe manutenção e inovação, já que ao mesmo tempo em que é única, “está ligada a vários eventos de fala que a precedem e sucedem” (1990, p. 198), o processo de entextualização pode ser considerado, por si só, como performance, pois envolve, simultaneamente, a *descontextualização* e a *recontextualização* de produções linguísticas, de performances linguísticas outras.

Ao (des) (re) contextualizar vocábulos criados pela comunidade *drag* do *reality* de RuPaul em um compêndio estrutural de formas lexicais, estamos compreendendo que o *Drag Race Dicionário de Rupaul* é revelador não apenas da

busca de transgressão identitária de gênero desse grupo, manifesta na criação de um vocabulário próprio, mas, também (talvez principalmente), de uma ideologia social e de linguagem normatizadora, que se manifesta mesmo quando da tentativa de rompimento com suas forças, na relação tacitamente estabelecida entre língua e poder.

Para sustentar essa proposta, baseamo-nos ainda no conceito de *language ideology* proposto por Woolard (1998). Embora se trate de um conceito compreendido de diversas maneiras por tradições de pesquisa diversas, a autora o apreende em sua relação com um conjunto de crenças e noções que são compartilhadas por usuários da língua sobre a estrutura e racionalização dessa língua. Dando maior ênfase à faceta social do conceito, a autora mostra que *language ideology* tem sido definido como “a auto evidência das ideias e objetivos que um grupo possui sobre o papel da língua em suas experiências sociais e de seus membros, enquanto elas contribuem para a expressão do próprio grupo.” (HEATH, 1989 apud WOOLARD, 1998) e como “o sistema cultural das ideias sobre as relações sociais e linguísticas, arraigadas ao peso dos interesses políticos” (IRVINE, 1989 apud WOOLARD, 1998).

Baseados, portanto, na ideia de linguagem como diretamente ligada às questões ideológicas e sociais nela manifestas, acreditamos que o conceito de *language ideology* pode nos ajudar a compreender as relações estabelecidas pelas participantes do *RuPaul’s Drag Race* entre as estruturas vocabulares por elas criadas/mobilizadas (e posteriormente compiladas em dicionário) e suas (des) (re) construções performáticas de gênero. Tal construção, porém, passa por uma sustentação da linguagem como forma de normatização das regras de um grupo que busca, ao mesmo tempo, transpor barreiras socialmente estabelecidas e fixar novas delas, conforme mostramos por meio das análises a seguir.

114

O DICIONÁRIO, as performances de gênero e as ideologias de linguagem

Nas estruturas vocabulares do *Drag Race Dicionário de Rupaul* que selecionamos para análise, pudemos identificar que tanto a criação quanto a utilização de expressões particulares ao universo *drag* configuram as tentativas de transgressão das noções tradicionalmente fixadas sobre o masculino e o feminino, na medida em que se desestabilizam estruturas morfológicas da língua portuguesa também fixadas pela tradição. De certa forma, essa desestabilização remete a

propósitos emancipatórios manifestos pelos participantes em vários momentos do programa de RuPaul, apontando para um momento sócio-histórico de intensificação da mistura de culturas, histórias e estilos de vida, ou seja, pela pós-modernidade (MOITA LOPES, 2013).

Na contramão da ideia do híbrido, porém, é notável a tentativa de estabilização de noções que são ou não aceitas como próprias do universo *drag*. Isso se faz evidente por meio de padrões definidos de comportamento ou beleza/moda que regulam o que é e o que não é ser *drag queen*, provocando diversos embates entre as participantes do *reality* sobre uma essência dessa identidade. Ao longo das temporadas, esse embate surgiu principalmente entre as *queens* da comédia, boas atrizes que possuem figurinos espalhafatosos, como as *pageant queens*⁸, que buscam parecer o mais femininas e elegantes possível.

Para compreensão dessa dinâmica, apresentamos primeiramente os vocábulos criados especificamente para atender a elementos referentes ao *reality show* em questão, que extextualizam elementos, regras e momentos do programa de RuPaul, recontextualizando situações como a da permanência e/ou saída de participantes da competição (“shantay, youstay”, “BGB”, “shantay, you stay”), de revelação dos bastidores (“untucked”) ou, ainda, elementos como a sala de trabalhos do programa (“werkroom”) e os assistentes de palco (“pit crew”), entre outros:

CRIADAS PARA/PELO PROGRAMA	
Vocábulo	Significado
1. BGB	Bye, girl, bye (referência a hey, girl, hey) - o que se diz para alguém que você não gosta quando é expulso.
2. Big Pink Furry Box	Uma caixa usada no programa que guarda mensagens da família. Pink furry Box é também uma forma de se referir aos órgãos sexuais femininos.
3. Cameroon	A forma como RuPaul chama a competidora Bebe Zahara Betet, natural de Camarões.
4. Charisma, Uniqueness, Nerv and Talent	As 4 qualidades que RuPaul procura na vencedora: carisma, singularidade, nervos e talento.
5. Condragulations	Parabéns.
6. Dragulator	Um computador ficcional, que faria a maquiagem das participantes.

⁸ As *drag queens* que participam de concursos de beleza.

7.	Gurl	O mesmo que garota, só que com um tom mais carinhoso.
8.	Herstory	O mesmo que história, só que a partir do ponto de vista feminino.
9.	Interior Illusions Lounge	Lugar onde as <i>drags</i> esperam para a deliberação do júri.
10.	Lake Titicaca	Suposto lugar onde se passa o outro <i>show</i> relacionado ao programa.
11.	Lip-Sync for your life	Dublagem que define quem será eliminada das competidores com pior performance.
12.	Pit Cruw	Assistentes de palco.
13.	RuPaul <i>Drag U</i>	Um outro programa filiado ao principal.
14.	Sashay Away	Deixar a competição.
15.	Shantay, you stay	Permanecer na competição.
16.	She-mail	O e-mail do programa.
17.	Snatch Game	Jogo em que os participantes fazem imitações de celebridades.
18.	Tuckahoe	Uma cidade ficcional de <i>drags</i> .
19.	Untucked	Parte do programa de RuPaul que revela os bastidores.
20.	Werk	Um verbo para trabalhar o corpo (principalmente na passarela), apresentar-se de maneira maravilhosa.
21.	Werk room	Sala de trabalhos do programa.

QUADRO 1: Vocábulo criado para/pelo programa *RuPaul's Drag Race*.

Entre os vocábulo dispostos no Quadro 1, chamamos a atenção mais particularmente para “condragulations”, “herstory” e “she-mail”, cujos significados aludem à utilização da identidade tradicionalmente construída entre o feminino e o masculino, pelos produtores do programa, para desenvolver um vocabulário que reforça a identificação das *drag queens* como homens que habitam o universo feminino.

Nesse sentido, temos a troca do fonema /g/ pelo /d/ e /t/ por /g/, por exemplo, em “condragulations”, que personaliza a palavra “congratulations” para o universo das *drag queens*, ao fazer com que a palavra *drag* apareça dentro do vocábulo americano que expressa felicitações. Pode-se observar que os idealizadores do programa percebem como a língua pode ser utilizada para a afirmação de um grupo social. “Condragulations” não é mais a mesma palavra que “congratulations”, pois esta é usada por qualquer usuário da língua inglesa, enquanto aquela se torna de uso específico da comunidade *drag*, entre os participantes dessa cultura. Portanto, os usuários da palavra foneticamente modificada se distinguem de todos os demais falantes de inglês, são exclusivos.

Já no vocábulo “herstory”, temos uma recriação morfológica da palavra “history”. Para a brincadeira com a palavra, assume-se que a palavra “history”

seja a combinação do prefixo “his”, que em inglês significa “dele”, com o radical “story”, que significa narrativa, e, sendo assim, o sentido de “history” seria a narrativa do homem. Como o programa é sobre as *drag queens*, não são o foco as histórias dos homens que dão vida a personagens femininas, mas sim as próprias personagens. Dessa forma, foi feita a troca de “his” pelo seu correspondente feminino, “her”, formando a nova palavra, com o novo sentido: a narrativa *dela*. Percebemos, assim, como processos morfológicos de estruturação da língua são usados novamente para a afirmação identitária, porém, nesse caso, a aproximação da identidade *drag* com a identidade feminina.

Ainda na direção da tentativa de marcação do feminino, o vocábulo “she-mail”, para se referir ao e-mail do programa, estrutura-se por meio da associação da palavra “she” (ela), como uma espécie de prefixo, ao vocábulo “e-mail”, com destaque ainda para a crase sofrida entre o fonema final da primeira e o inicial da segunda (/e/). Mais uma vez, a marcação do feminino em um vocábulo morfológicamente neutro performatiza a presença da feminilidade em uma identidade biológica e socialmente construída como masculina – a das pessoas tidas como “homens” e que atravessam as fronteiras desse gênero em suas performances de linguagem *drag*.

Em todos esses casos, mostra-se evidente não apenas a utilização de regras de língua e a subversão de estruturas lexicais e de gênero, mas também uma relação ideológica entre língua e identidade, impressa na tentativa de se constituir um universo próprio (e exclusivo) da *drag*, por meio da linguagem. Notamos, assim, a presença de uma crença arraigada sobre língua, compartilhada entre membros de nossa sociedade e que estrutura suas experiências sociais, suas expressões e objetivos, na direção de uma ideologia normatizadora que identifica e seleciona quem pertence ou não a determinados grupos sociais.

Alguns vocábulos da categoria das palavras criadas durante o programa, por participantes em particular, instanciam via entextualização a formatação de algumas regras de comportamento, moda e beleza que precisam ser seguidas por aqueles que se pretendem pertencentes a um grupo em particular – o universo *drag*:

CRIADAS NO PROGRAMA	
Vocábulo	Significado
1. B.I.T.C.H	Ter total controle sobre si mesma.
2. Back Rolls	Gorduras localizadas nas costas e na bunda.

3.	Bacon	Pedaços de uma roupa que pareciam <i>bacon</i> .
4.	BAM!	Interjeição com variados usos.
5.	Boots	Um modificador, como porra.
6.	Bye Felicia	Mandar o outro parar de falar (referência ao filme “Friday”).
7.	Echa Pa'lante	Seguir em frente.
8.	Feeling my Oats	Sentir-se feminina.
9.	Flazed	Poderosa.
10.	Hallelou	Uma interjeição de alegria.
11.	Honey Mahogany Dress	Uma roupa que é um pedaço de pano drapeado ao corpo, sem ser realmente costurado.
12.	House down	Interjeição de intensificação.
13.	Jud Jetson Ho	Uma prostituta do espaço.
14.	Loca!	Um termo espanhol para louca.
15.	Nurse!	Interjeição para quando uma <i>drag</i> precisa de ajuda com a roupa ou maquiagem.
16.	Party City	Roupas de <i>drag</i> que parecem fantasias de Halloween.
17.	Peanut Butter	Algo espalhável / espalhar.
18.	Resting on Ugly	A <i>drag</i> que abusa da maquiagem e de maneirismos para se dar bem, ao invés de seus talentos.
19.	Ro-Laska-Tox	Um grupo de <i>Drags</i> .
20.	Sprepper	Uma <i>drag</i> com más qualidades.
21.	T.P.	Pacote todo.
22.	Tilapia	Quando uma competidora apresenta-se com grande feminilidade.
23.	Two pieces and a biscuit	Um prato de comida.

QUADRO 2: Vocábulos mobilizados no programa *RuPaul's Drag Race*, por participantes.

No Quadro acima, destacamos os vocábulos “b.i.t.c.h” e “sprepper” e a expressão “resting on ugly”, cujos significados são, respectivamente: “ter total controle sobre si mesma”, “uma *drag* com más qualidades e “uma *drag* que usa da maquiagem e de maneirismos para se dar bem, ao invés de seus talentos”. Quanto a “resting on ugly” e “sprepper”, notamos a definição de regras de comportamento que extextualizam a construção de condutas inadequadas para o mundo *drag*, (des) (re) contextualizando-as do programa para o dicionário. A expressão “resting on ugly” é uma adaptação da expressão “resting on beauty” ou “resting on body”, muito usada quando uma *drag* aproveita de sua beleza ou de seu corpo feminino para chamar a atenção, ao invés de uma boa performance no palco. A competidora Courtney Act, acusada diversas vezes no programa de se apoiar em seu corpo, recria a expressão usando a palavra “ugly”, utilizando-se de expressões que se iniciam com “resting”, referentes a críticas do que não deve ser feito enquanto o ator dá vida a sua *drag* persona. Apoiar-se no corpo, na beleza ou nos

maneirismo e excesso de maquiagem são ações que não devem ser feitas por uma *drag* de fato e de direito, portanto, a repetição dessa expressão com diferentes combinações nos dá indício de uma tentativa de normatizar o que seria trabalhar como *drag queen*. Para Coutney Act, quando uma *drag* se sustenta nos maneirismos e no excesso de maquiagem em suas performances no programa, estaria se apoiando na feiura, pois maneirismo e excesso de maquiagem são características de uma *drag* considerada “feia”. Da mesma forma em que ela, ao se apoiar em seu corpo belo e feminino, também não estaria fazendo bem o seu trabalho.

O termo “sprepper”, criação das participantes Raja e Carmen durante o *reality*, é também uma aglutinação de duas palavras, Dr.Pepper e Sprite, que se referem a marcas de refrigerantes consideradas muito doces e de pouca qualidade nos Estados Unidos. O neologismo “sprepper” é, portanto, um insulto destinado às *queens* que podem até ser gentis, mas ainda assim não são boas no que fazem. Dessa forma, as criadoras do termo expressam, por meio da estrutura da língua, que não basta ser gentil para ser considerada uma boa *drag queen*.

Quanto a “B.I.T.C.H”, trata-se de uma sigla para a frase “being in total control of herself”, ou seja, estar totalmente no comando de sua performance. Em sua criação, a participante Latrice Royale transformou a palavra bitch, que no mundo *drag* tem uso tanto engrandecedor quanto pejorativo, em uma sigla. No seu uso pejorativo, bitch é usado dentro e fora do mundo *drag* como um insulto a mulheres que saem com diversos homens ou que agem de má fé, o equivalente de “vaca”, no Português. Porém, o termo é também usado, no mundo *drag*, de maneira a exaltar o poder de uma amiga, e é sobre este sentido que Latrice constrói sua sigla, criando um efeito de segredo entre as *drags*. Enquanto todos os usuários de inglês entendem bitch como uma palavra, as *drags* as usam como uma sigla que possui um significado diferente do usual, e a língua novamente aparece como uma forma de instituir uma comunidade de falantes que se distingue por seu vocabulário. Mais do que isso, mais uma vez a língua é usada de modo a (re)definir o que é uma regra aceitável e o que não é, dentro de um universo cultural específico.

Os exemplos analisados demonstram que o vocabulário do mundo *drag* é construído especialmente de forma a desenvolver uma unidade do grupo, a partir de determinadas normas previamente estabelecidas. No entanto, nos vocábulos do mundo *drag* mobilizados no programa, que fazem referência a questões de

comportamento e de moda/beleza, esse caráter fica bastante mais evidente, pelo uso de várias palavras que descreveriam o cotidiano de qualquer pessoa, não fosse sua personalização para o universo *queen*:

COMPORTAMENTO		
Vocabulo		Significado
1.	Beard	A mulher que finge ser a namorada de um gay.
2.	Bitch	Uma mulher poderosa - as <i>drags</i> usam entre amigas.
3.	Clock	Apontar o que alguém tenta esconder.
4.	Clock	Apontar os erros de alguém.
5.	Clock	Mostrar a realidade.
6.	Crusty	O ato de ser muito insultadora, muito venenosa.
7.	DragMother	Uma <i>drag</i> experiente que serve de mentora para <i>drags</i> mais novas.
8.	Fierce!	Ter uma qualidade intensa e poderosa.
9.	For thegods	Uma performance feita sem defeitos.
10.	Hunty/Henny	Uma forma carinhosa de juntar as palavras <i>cunty</i> e <i>honey</i> .
11.	Kai-kai	O ato de <i>drags</i> fazerem sexo uma com as outras.
12.	Ki-ki	Fofoca.
13.	Mamma	Um termo carinhoso e respeitoso entre <i>drags</i> - usualmente direcionado para <i>drags</i> mais experientes.
14.	MeatyTuck	Um <i>tuck</i> mal feito. <i>Tuck</i> é o ato de esconder a genitália masculina.
15.	Pimp	Ser alguém muito bom em algo.
16.	Pussyonfire	Dar muito duro para alcançar algo.
17.	Read	Expor os defeitos da pessoa para gerar humor.
18.	Read	Criticar o trabalho de uma <i>drag</i> .
19.	Read for fifth	Criticar todo o trabalho de uma <i>drag</i> (intensificador).
20.	Serve	Apresentar-se de determinada maneira.
21.	Shade	Insulto.
22.	Shady	Venenosa, insultadora.
23.	Shadybitch	Uma mulher fundamentalmente crítica e insultadora.
24.	Shadybitch	A <i>drag</i> muito venenosa, que insulta as outras de todas as maneiras.
25.	SissytheWalk	Andar de maneira audaciosa.
26.	SquirrelFriends	Amigas que escondem a genitália.
27.	Tea / T	Fofocas, informações.
28.	Throwingshade	Insultar.
29.	Trade	Um homem hetero mais pobre que se envolve com gays por dinheiro.
30.	TrannyChaser	Uma pessoa que se atrai por <i>drags</i> ou trans.
31.	Tranvestite	Um homem que se veste de mulher em atos sexuais.
32.	Untuck	Relaxar.

QUADRO 3: Vocabulos referentes a comportamento da cultura *drag*.

Nesse quadro, o termo “kai-kai”, que significa sexo entre *drag queens*, ou o termo “ki-ki”, que especifica a fofoca entre *drags* são exemplos da tentativa de normatização de um universo particular das *drags*, ao qual deve-se referir também de modo particular. Não há nada no verbo “to gossip”, por exemplo, que impediria seu uso no universo *queen*, mas, ao criar um outro termo para o mesmo ato, as *drags* excluem de seu grupo social todos aqueles que não sabem usar o vocabulário personalizado que desenvolveram, instanciando um modelo ideológico de linguagem como forma de participação em determinados grupos, como forma legitimada de poder.

Também as palavras “crusty” e “shady (bitch)” remetem a esse modelo, pois são usadas de modo exclusivo no universo *queen*, para se referir pejorativamente às *drags* que são venenosas, que insultam seus pares a todo momento. A primeira significa rabugenta e irritável, e a segunda desonesta, sombria; comportamentos notadamente ruins, de *drags* consideradas muito chatas e pouco confiáveis, que as “shady queens” usam para desestabilizar e ofender seus pares. Esses termos são também usados, porém, para fins de humor, durante um momento do espetáculo *drag* chamado de leitura [reading], em que elas fazem piadas sobre a aparência dos espectadores.

Se por um lado existe o comportamento abominável, por outro, há o comportamento desejado, que é transmitido através do vocábulo “bitch” e, principalmente, “fierce”. Como apontamos acima, o vocábulo bitch geralmente é utilizado de maneira pejorativa contra a reputação de uma mulher. No mundo *drag*, essa conotação existe, mas também é levado para o seu posto em forma de exaltação ao talento de uma amiga. Já o termo “fierce” é utilizado não só entre amigas, mas principalmente como uma forma de exaltação de si ou de uma *drag*, descrevendo a ferocidade de uma *drag*, ou seja, seu grande poder de domínio do palco em suas performances. Este seria o comportamento mais adequado e desejado de uma *drag queen*: ser uma implacável *performer*. Evidencia-se, portanto, a associação da *drag queen* com o trabalho de atuação: uma *drag* não é alguém que apenas se transveste de mulher, mas alguém que dá vida a uma personagem feminina.

Ainda no Quadro 3, notamos a presença de vocábulos que fazem referência ao universo familiar: “mamma” e “drag mother”. Quando um homem decide começar a atuar como uma *drag queen*, geralmente ele é recebido por um clã de *drags* que trabalham em algum clube específico. Ao ser acolhido no clã, ele é

orientado por uma *drag* com mais experiência, e esta se torna sua “drag mother”. Essa relação é tão forte que os “filhos” adotam os sobrenomes de suas mães: a *drag* Morgan Mc Michaels, por exemplo, é filha da *drag* Chad Michaels. Desse comportamento maternal entre *drags*, também surge o vocativo carinhoso e respeitoso “mamma”, destinado a *drags* mais experientes que não são necessariamente a drag mother. Vemos no usos dessas expressões uma forma da língua ser usada para adaptar as relações familiares hegemônicas para o contexto do universo das *drag queens*. Portanto, a língua não é só uma forma de reafirmar identidades, mas também de organizar as práticas sociais.

Assim como os vocábulos do Quadro 3 textualizam formas de comportamento aceitáveis ou não ao universo cultural *drag*, os referentes a questões de moda e beleza também atuam nessa direção, destacando o processo de criação da ilusão da transformação do ator em uma mulher e as regras que determinam a qualidade desse processo, conforme observamos no Quadro 4, a seguir:

MODA E BELEZA	
Vocábulo	Significado
1. Beard	Barba uniforme.
2. Beat	Colocar a quantidade certa de maquiagem.
3. Boobiebid	Peito falso.
4. Booger	Uma <i>drag</i> pouco atrativa, que não sabe usar bem a maquiagem, a peruca ou a roupa.
5. Busted	Uma <i>drag</i> que aparenta ser pouco refinada, que não se “monta” bem.
6. Campy/ CampDrag	Uma <i>drag</i> muito exagerada, que não quer parecer feminina.
7. Cheesecake	Alguém com corpo gostoso.
8. Cheesecake	Usar uma roupa reveladora, com uma pose elegante.
9. ChickenCutlegs	Uma forma de preencher para fazer peitos.
10. Cunt	Um adjetivo para a <i>drag</i> muito feminina e poderosa.
11. Dusted	Uma <i>drag</i> que parece perfeita, sem defeitos.
12. EleganzaExtravaganza	Extremamente elegante.
13. Fierce!	Estar vestida para matar.
14. Fishy	Uma <i>drag</i> que parece extremamente feminina. O termo se refere ao suposto cheiro da vagina feminina, por isso mulheres e feministas não gostam do termo.
15. Five O'clockshadow	O início do nascimento da barba ou a barba recém feita.
16. Frock	Um vestido de mulher.
17. Garage doors	Quando uma <i>drag</i> pinta os olhos só com uma cor.
18. Heather	Uma <i>dragqueen</i> perfeita e poderosa.

19.	HoochieMamma	Uma gíria para uma mulher vestida de maneira provocadora.
20.	Ladyboy	Uma <i>drag</i> que parece mulher mesmo sem estar <i>drag</i> .
21.	Mug	A cara da <i>drag</i> .
22.	Padding	Cortes de esponja para preencher o corpo das <i>drags</i> e dar curvas femininas.
23.	RelyingonBody	A <i>drag</i> que abusa de seu corpo (feminino) para a performance, ao invés de usar seus talentos.
24.	RestingonPretty	A <i>drag</i> que abusa de sua beleza para se dar bem, ao invés de seus talentos.
25.	ServingFish	Apresentar-se de maneira muito feminina.
26.	Sick'ning	Estar incredivelmente bonita.
27.	Trade	A <i>drag</i> que é um homem atraente sem estar de <i>drag</i> .
28.	Tuck	Esconder a genitália para criar a ilusão de vagina.
29.	Untuck	Descrir a ilusão de vagina.

QUADRO 4: Vocábulo referentes a moda e beleza na cultura *drag*.

Nesse quadro, temos o verbo “tuck”, por exemplo, que se refere à ação de esconder a genitália para a criação da ilusão de um órgão sexual feminino; o vocábulo “beat”, que caracteriza a quantidade certa de maquiagem para o rosto adquirir traços femininos, “padding”, referente a cortes de esponja utilizados para preencher o corpo das *drags* de modo a adquirir curvas femininas, entre outros que denotam elementos da transformação *drag* no sentido de tornar-se o mais feminina possível, transgredindo traços de personalidade tradicionalmente definidos para um e outro gênero.

Destacamos, ainda, alguns termos que funcionam por oposição: “Fishy/Camp”; “Booger/Heather”; “Busted/Dusted”. “Fishy”, por exemplo, descreve as *drag queens* que parecem extremamente femininas, referenciando o suposto “cheiro de peixe” que o órgão genital feminino teria (o que leva muitas feministas a considerarem o termo ofensivo). Geralmente, as *drag queens* que participam de concursos de beleza buscam ser fishy, ou seja, buscam se apresentar fisicamente como o mais “mulheres” possível. Por oposição, “campy” descreve as *drag queens* que não buscam parecer femininas, mas usam a maquiagem, o cabelo e as roupas femininas de maneira exagerada, tornando sua aparência em uma fantasia. Essas *drags* geralmente são as que fazem os shows de comédia e estão mais ligadas à atuação. Aqui temos dois tipos de *drag* que criam a alusão à feminilidade de diferentes maneiras, para alcançar objetivos distintos, definindo tipos diferentes de *drags*.

Já os termos “Booger/Heather” e “Busted/Dusted” têm a função mais específica de valorar a qualidade da transformação de homem em mulher. O primeiro par de vocábulos, que no inglês significa quebrado(a), caracteriza pejorativamente as *drags* que não sabem se montar bem como mulher, ou seja, cuja peruca não está bem penteada e posta, cuja maquiagem não afina bem o rosto e não cobre traços masculinos, cujo vestido não tem um bom caimento e os enchimentos não dão uma forma feminina ao corpo. Resumidamente, seria a *drag queen* “não polida”, que apresenta muitos elementos tradicionalmente do masculino, que atrapalham na criação do feminino posto como adequado no interior desse grupo, por referência aos elementos do feminino estabelecidos no mundo heteronormativo.

O segundo par de vocábulos, por sua vez, representa o oposto, ou seja, as *queens* bem polidas, sem defeitos e que constroem perfeitamente a ilusão da feminilidade. Além disso, os vocábulos booger/heather apresentam uma outra conotação: uma *queen booger* é uma *drag* perdedora, pouco atrativa e sem domínio do palco. Já uma *drag heather* é uma *queen* poderosa, atrativa e que apresenta uma boa performance.

Em todos esses casos, é evidente a tentativa de estabelecimento de aspectos aceitos ou não como próprios ou adequados ao universo *drag*, na direção de um modo “ideal” de ser *drag queen*, perfeitamente representado no vocábulo com que iniciamos este trabalho: “Glamazon”. Formado pela junção de “glamour” (como deve ser a moda de uma *queen*) e “amazona” (com um comportamento poderoso, de domínio, que faz alusão à deusa guerreira e poderosa da mitologia grega), tal vocábulo resume os quesitos essenciais a uma *drag* de fato, capaz, inclusive, de vencer uma competição como a do programa de RuPaul: ser glamourosa e extremamente elegante, com muito domínio de palco e muita ousadia, muito poder. A expressão “sissy tha walk”, também por nós apresentada no título deste texto, alia-se a essa essência ideal da *drag queen*, fazendo referência a um modo de andar audacioso, representativo do poder de ser *drag*.

124

CONSIDERAÇÕES Finais

Com o objetivo de dar visibilidade às relações entre língua e construção performativa de gênero que constituem espaços sociais da pós-modernidade, trouxemos para observação e discussão neste trabalho alguns vocábulos próprios

do universo *Drag* que foram criados e/ou mobilizados no *reality show* norte americano *RuPaul's Drag Race* e entextualizados na forma de um dicionário alocado na Internet, o *Drag Race Dicionário de Rupaul*.

Ao articular a discussão a princípios teóricos da *performance* e da *language ideology*, além da *performatividade do gênero*, mais especificamente, situamos os exemplos analisados em sua relação com um modo de pensar a língua extremamente relacionado ao modo de pensar o gênero na cultura tacitamente heteronormativa que nos orienta: pelo viés da normatização de elementos que definem o que é ou não pertencente a um determinado grupo e, por consequência, quem pode ou não a ele pertencer. Esse viés aparece nos exemplos analisados, quando identificamos a estruturação de vocábulos do universo *drag* de modo a delimitar regras de comportamento, de moda e beleza, exclusivos e/ou excludentes, a depender da performance realizada no *reality*.

Por outro lado, destacamos a possibilidade de agência na subversão dessas regras, manifestos tanto na desestabilização de normas de gênero quanto na de regras linguísticas/morfológicas, entextualizadas nos vocábulos do dicionário *drag*. Tal possibilidade de agência se entrelaça à força do viés normatizador que orienta a criação de vocábulos com o propósito de demarcar o que é próprio (ou ideal) do grupo *queen*, em geral também bastante arraigado às demarcações de moda, beleza e comportamento adequados/ideais a um dos elementos do binário homem/mulher em nossa sociedade.

125

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford Univ. Press, 1962.
- BAUMANN, R.; BRIGGS, C. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 8, n. 1, 2, p. 185-229, 2006.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHIDIAC, M. T. V.e OLTRAMARI, L. C. Ser e estar *drag queen*: um estudo sobre a configuração da identidade *queer*. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 471-478, 2004.
- KNOBEL, M. e LANKSHEAR, C. *Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação*. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Introdução. Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade recente. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Linguística Aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 15-37.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Orgs.) *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.

WOOLARD, K. A. Language Ideology as a Field of Inquiry. *Language Ideology: Practice and Theory*, 1998.

Artigo Recebido em: 26 de julho de 2016. **126**

Artigo Aprovado em: 05 de outubro de 2016.